

RESENHA DE LIVRO

MULHERES QUE NÃO FICAM SEM PILHA: COMO O CONSUMO ERÓTICO FEMININO ESTÁ TRANSFORMANDO VIDAS, RELACIONAMENTOS E A SOCIEDADE.

Nathalia Ziemkiewicz¹

WALTHER, L. *Mulheres que não ficam sem pilha: como o consumo erótico feminino está transformando vidas, relacionamentos e a sociedade*. Rio de Janeiro: Mauad; Belo Horizonte: Fapemig, 2017. 344 p.

Impossível não vibrar percorrendo as páginas do livro *Mulheres que não ficam sem pilha: como o consumo erótico feminino está transformando vidas, relacionamentos e a sociedade*, fruto da corajosa tese de doutorado de Luciana Walther. Em tempos de debate sobre igualdade de gêneros, tirar a sexualidade feminina do fundo do criado-mudo e compreender o motivo dessa vergonha é fundamental. A autora desconstrói mitos e estereótipos entremeando depoimentos de uma profunda pesquisa qualitativa com 35 mulheres de universos distintos, referências acadêmicas e interpretações antropológicas.

Luciana adianta, logo na introdução, que seu olhar é voltado para o consumo de produtos eróticos sob a perspectiva cultural – abrangendo os “aspectos emocionais, experienciais, corporificados e transformacionais do fenômeno”. Por exemplo, como seu uso pode ressignificar a relação da mulher com o próprio prazer e a intimidade com sua parceria amorosa. A pesquisadora também detalha a metodologia do trabalho apresentado, além das teorias de administração e ciências sociais que lhe serviram de apoio. Finaliza na expectativa de que o livro não fique restrito a tais esferas e ao empresariado do ramo erótico.

Ele não fica mesmo, embora algumas passagens realmente interessem mais aos públicos citados. O primeiro capítulo familiariza o leitor com a indústria erótica e sensual, discorre sobre seu desenvolvimento e ascensão. Esclarece nomenclaturas como *bullet* e *rabbit*, organiza os produtos disponíveis no mercado brasileiro por categorias – nas quais estão óleos de massagem, vibradores de ouro, lingerie comestíveis, bonecas infláveis etc. Na sequência, a autora relata suas visitas a eventos, sex shops e boutiques eróticas, traz descrições sobre atendimento, layout

das lojas, variedade e exposição dos produtos etc.

As consumidoras entrevistadas são apresentadas no segundo capítulo por meio de codinomes. Elas têm entre 22 e 59 anos, moram nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Variam em classes sociais, orientações sexuais, estados civis, profissões, histórias de vida, biografias amorosas. O pré-requisito para a pesquisa era que tivessem, ao menos uma vez na vida, usado um produto que considerassem erótico ou ido a uma sex shop. Esses breves perfis incluem desde uma mulher de 28 anos que descobriu o orgasmo graças a um vibrador, até outra, de 56 anos, que faz uso solitário, mas não saberia “como introduzi-los numa relação a dois”.

No extenso terceiro capítulo, Luciana se debruça sobre o ciclo do consumo dos produtos eróticos com base nas entrevistas qualitativas. Investiga os tipos de comportamento no que se refere à ida à loja, compra, uso, armazenamento, higienização e descarte. Trechos de depoimentos ilustram coisas como o conflito entre a curiosidade diante de uma vitrine de sex shop e o medo de ser reconhecida por alguém lá dentro; os cosméticos como porta de entrada no universo; a reação da parceria amorosa na presença de um produto erótico; as sensações prazerosas descobertas; o cuidado em esconder e jogar fora um vibrador.

A autora preserva aspas hilárias de forma literal, sem o pudor de suprimir qualquer linguagem que se julgue vulgar ou inadequada. Dá espaço para causos impagáveis, como a da entrevistada que descartou antigos vibradores em lixeiras de um shopping para evitar que funcionários de seu prédio os encontrassem nos sacos plásticos do andar. Ao recheiar o livro de histórias que geram identificação e empatia, Luciana conquista o leitor fora do escopo acadêmico e empresarial.

¹ Jornalista e pós-graduanda em Educação Sexual (UNISAL). E-mail: contato@napimentaria.com.br

Também neste capítulo, aborda a ideia machista do homem como único provedor do prazer da mulher e, portanto, sua recusa em aceitar um “rival” na cama sob o risco de ser “substituído”.

“Valores e crenças”, o quarto capítulo, discute o tabu da masturbação feminina, o mito do orgasmo vaginal, a visão de que o clitóris é “coadjuvante nos modelos androcêntricos de relações sexuais”, o empoderamento proporcionado pelo autoconhecimento. Atenta para as metáforas utilizadas pelas entrevistadas sobre a finalidade dos produtos eróticos, tais como “apimentar o relacionamento” e “dar um plus” ao que já é considerado bom. Por outro lado, mostra que para muitos persiste a crença do vibrador como “aceitável” ou “necessário” apenas na ausência de um parceiro.

No quinto capítulo, Luciana compara as expectativas sociais para homens e mulheres quanto à sexualidade. Em uma sociedade patriarcal, elas são reprimidas e repudiadas se gozam muito ou se gozam pouco. Devem ser passivas e subservientes, sempre prontas a proporcionar prazer, mas jamais exigí-lo em troca. A autora avalia, além dos papéis de gênero, a divisão de tarefas do consumo erótico (quem escolhe e arca com os custos), o produto como garantia de fidelidade (uso na ausência do parceiro evitaria traição), as confidências entre mulheres (troca de experiências com vendedoras e amigas), as relações intergeracionais (diálogo entre mães e filhas) e classe social (crescimento do público C e D).

No sexto capítulo, “Cultura material e fenômenos do consumo”, descobrimos que alguns fatores colaboram para a aquisição de produtos eróticos: designs suavizados (menos fálicos), ambientes que tratam a sexualidade de forma trivial e recorrendo ao bom humor como recurso para combater a inibição. Também aqui Luciana subdivide as transformações pelas quais essas consumidoras passam (instantânea, identitária, conjugal e social), o intenso envolvimento de algumas pelos objetos (referindo-se a eles por apelidos), infantilização da sexualidade feminina (produtos em forma de brinquedos e bonecos), a função educativa do consumo erótico (informação sobre saúde sexual etc) e resistência a ele (“concorrente”).

A autora conclui, no sétimo capítulo, que a indústria erótica e sensual vem se esforçando para atender as demandas reais das mulheres, ao invés de reproduzir crenças machistas sobre o prazer feminino; que a consumidora transforma o produto e é transformada por ele; que seu uso

tem proporcionado conhecimento da própria sexualidade, facilidade na obtenção de orgasmos, aumento da autoestima e intimidade conjugal, entre outros benefícios; que a experiência com produtos eróticos não é unânime, mas plural e contraditória; além de aspectos particulares dos achados em contraposição à percepções universais (a exemplo do infundado temor: “o vibrador substitui o homem”).

A primorosa pesquisa qualitativa de Luciana, respaldada por robustas referências acadêmicas e somada às interpretações antropológicas, fazem de “Mulheres que não ficam sem pilha: como o consumo erótico feminino está transformando vidas, relacionamentos e a sociedade” uma experiência desafiadora. Ao menos para um(a) leitor(a) comum, justamente aquele(a) que a autora também gostaria de alcançar. Porque nos deparamos não apenas com desejos, fragilidades, preconceitos e dilemas alheios – mas com os nossos. Porque instiga nós, mulheres, a “botar a mão ali”, a não fingir orgasmos, a deixar o vibrador em cima da pia. Não há nada de errado em sentir tesão e reivindicar o próprio gozo. O melhor é que ambos são perfeitamente recarregáveis.

Nathalia Ziemkiewicz
Jornalista e pós-graduanda em Educação
Sexual (UNISAL)

Contatos com a autora do livro: Luciana Walther é doutora (2012) e mestre (2002) em Ciências da Administração pelo Instituto COPPEAD de Administração da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo também pela UFRJ (1997). Trabalha como professora efetiva na UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei, lotada no Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis, ministrando disciplinas de Marketing. É revisora no curso de graduação em Administração Pública da UFSJ, modalidade a distância.
E-mail: lucianawalther@ufsj.edu.br